

AS INTERFACES DA PRÁTICA TORCEDORA PELO MUNDO CONTEMPORÂNEO: HOOLIGANS, ULTRAS, TORCIDAS ORGANIZADAS E BARRAS BRAVAS

Elias Costa de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar uma retomada historiográfica das diferentes organizações torcedoras pelo mundo. Nesse sentido, as distintas formas de torcer existentes na contemporaneidade nos convidam a compreender suas diferenças nas interfaces torcedoras. Assim, a ideia é debatermos sobre a cultura dos hooligans no Reino Unido, percorrendo a Europa Continental com a forma de torcer conhecida como Ultras, além de exemplificar a forma de torcer genuinamente brasileira, as torcidas organizadas. Por último, falaremos sobre o modo de torcer da América de língua espanhola, as barras bravas, que estão entrelaçadas não somente nas arquibancadas, mas também na política dos clubes e do próprio país. Em relação às barras, trataremos em especial as torcidas argentinas. Portanto, temos a intenção de contribuir para o campo de estudo da prática torcedora e das diferentes formas de torcer que existem no mundo, entendendo suas particularidades e semelhanças.

Palavras-chaves: Torcida organizada; estilo de torcer; formas organizadas do torcer

The Interfaces of the Practice Footing at the Moment Contemporary World: Hooligans, Ultras, Organized Footballs and Barras Bravas

Abstract: This article aims to carry out a historiographical review of the different fan organizations around the world. In this sense, the different forms of cheering that exist in contemporary times invite us to understand their differences in the cheering interfaces. Thus, the idea is to discuss the culture of hooligans in the United Kingdom, touring Continental Europe with the form of cheering known as Ultras, in addition to exemplifying the way of cheering genuinely Brazilian, the organized cheering. Finally, we will talk about the way of cheering in Spanish-speaking America, the barra bravas, which are intertwined not only in the stands, but also in the politics of clubs and the country itself. Regarding the bars, we will deal in particular with the Argentine fans. Therefore, we intend to contribute to the field of study of cheerleading practice and the different ways of cheering that exist in the world, understanding their particularities and similarities.

Keywords: Organized crowd; twisting style; organized forms of cheering

¹ Mestrando do Programa de Ps-Graduação em História (PPGH/UFSM). E-mail: eliascostaiff@gmail.com

Introdução

Este artigo pretende fazer um levantamento historiográfico sobre as diferentes formas de torcer que existem na Europa (entende-se por Reino Unido e continental), América de língua espanhola e Brasil. Assim, iremos historicizar o torcer a partir das suas interfaces para compreender melhor esse fenômeno.

Os espectadores de futebol são tão antigos quanto o próprio futebol. Desde a metade do século XIX, temos espectadores de futebol acompanhando esse esporte, sendo dialético o movimento do crescimento de um e de outro. A partir do início do século XX, o futebol se espalhou pelo mundo, com isso, o crescimento desses espectadores também. Esse crescimento pode ter sido no papel de consumidor dos jogos ou como sujeitos que alteram a estética do espetáculo futebolístico (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

Com a entrada da classe operária nos estádios ingleses a partir da profissionalização do futebol em 1880, o esporte teve um tom mais vibrante e emocionado, se comparado com o público comedido formado pelas aristocracias antes desse período (HOLLANDA, 2021). A forma organizada de torcer evoluiu conforme o futebol foi evoluindo.

Os grupos organizados de torcer existem em diferentes partes do mundo, tendo elementos semelhantes. As características desses grupos são geracionais (formado por jovens), de gênero (apesar do aumento de mulheres nas arquibancadas, majoritariamente ainda são compostos de homens), e apoiam de forma incisiva e fanática um clube de futebol ou uma seleção nacional (HOLLANDA, 2014). Durante as partidas, destacam-se por entoar canções de apoio ao clube e, muitas vezes, utilizam o recurso da violência contra grupos rivais ou contra a polícia. Apesar da semelhança entre grupos organizados de torcedores, existem diferenças entre os mais variados grupos e formas de torcer

Hooligans: Do Reino Unido para o mundo

No decorrer da segunda metade do século XX, no seio do próprio conjunto de espectadores de futebol, esses torcedores começaram a organizar formas uniformizadas de torcer. O fenômeno mais conhecido foi no Reino Unido, a partir da década de 1960, com a formação de grupos conhecidos como *hooligans*. Dentro das Ciências Humanas, existe um vasto material sobre o fenômeno do *hooliganismo*, gerando intenso debate teórico sobre o termo.

O termo *hooligans* era utilizado para descrever um grupo de jovens que praticavam desordens, sendo que esse termo começou a ser utilizado no Reino Unido no final do século XIX (PIMENTA, 2004). Em relação a etimologia da palavra, não existe consenso, é possível que seja de uma família irlandesa que residia em Londres, chamados de *Houlihan*, no qual se tornaram conhecidos pelas cenas de brigas entre eles e outras pessoas que os desafiassem (PERSON, 1983; PIMENTA, 2004). Outros sugerem que a palavra se popularizou a partir do livro *Hooligan Night* (1899), escrito por *Clarence Rook*, no qual tinha o personagem *Patrick Hooligan*, que possuía comportamento desordeiros e gostavam da violência (PIMENTA, 2004). Ainda, Cancio (1990), afirmou que esse termo é de origem britânica se referindo ao ladrão chamado de *Hooley* e seus comparsas (*hooley's gang*), que viviam pelos campos irlandeses no final do século XIX. Após a generalização desse termo, ele se regionalizou. Outros adjetivos foram usados para falar de atos de violência pela Inglaterra, por exemplo, em Birmingham eram chamados de *Peaky Blinders* ou *Sloggers*, em Manchester eram intitulados de *Scuttlers* (PIMENTA, 2004).

A partir dos estudos de Elias e Duning (1992), afirmaram que existiam registros de “*hooliganismo* no futebol” entre torcedores desde as décadas de 1870 e 1880, mas que a violência se espalhou e se popularizou pela Europa a partir dos anos de 1960 do século XX. Para os autores, o século XX, teve momentos de maior e outros momentos de menor atos de violência. Antes da Grande Guerra, os estádios eram redutos de atos de violência, já no período entre Guerras, diminuiu até a década de 1950. A partir de 1960, explodiu a violência entre os grupos de jovens que visitavam os campos esportivos, espalhando-se por diversos países europeus.

Temos que pontuar que as formas de organização de modos distintos de torcer muitas vezes são confundidas com o *hooliganismo*. Iremos utilizar o termo *hooliganismo* para tratar de confrontos nos “territórios do futebol”, podendo ser dentro do estádio, imediações dos campos de jogos ou *pubs* (bares) distantes dos estádios (DUNNING, MURPHY e WILLIAMS, 1995). A expressão *hooligans* será usada especificamente quando nos remetermos a torcedores do Reino Unido que se organizam para torcer para uma equipe futebolística. Em alguns momentos, o futebol acaba se tornando o espetáculo secundário, se comparado às brigas dos *hooligans* (Dunning, Murphy e Williams, 1995).

Após a realização da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, sendo vencida pelos donos da casa, o *hooliganismo* passou a ser conhecido como problema social, aumentando gradativamente a partir das décadas seguintes. A sociedade britânica, deparou-se com o número crescente de brigas nos estádios, nas imediações dos campos de jogos, invasões de campo, brigas em *pubs* e nos trens onde se locomoviam os torcedores para acompanhar seus times (HOLLANDA, 2021).

Dunning (2000), aponta a segunda metade do século XX, como o ápice da violência no futebol do Reino Unido. Aconteceram dezessete incidentes ocorridos na década de 1960, vinte nos anos de 1970 e quarenta até a primeira metade dos anos de 1980. Esses números nos mostram o aumento de brigas entre *hooligans*, mas também aponta um aumento do interesse dos jornais ingleses em relação as brigas. Os jornais ingleses começaram a se interessar pelas brigas, muitas vezes levando ao “sensacionalismo” nos noticiários de imprensa. Assim, a partir da década de 1960:

Quando o jornalismo inglês de uma maneira geral passava por reformulações editoriais e estruturais, a concorrência entre tabloides pelo aumento de vendas se intensificou e, em muitos casos, o sensacionalismo fez parte de uma estratégia comercial para o crescimento da vendagem. A percepção de que as brigas entre os *hooligans* cativavam o público leitor desses diários esportivos levou os jornais à ampliação da cobertura relativa ao assunto. Às vésperas da realização da Copa do Mundo de 1966, os jornalistas alardearam um temor quanto ao comportamento dos torcedores ingleses, e a visibilidade deles ganhou uma dimensão ainda maior (HOLLANDA, 2021, p. 303)

Esse interesse dos tabloides ingleses foi até 1990, sendo que a imprensa começou a considerar o *hooliganismo*, como “fora de moda”. Mesmo assim, os confrontos continuaram e até mesmo aumentaram, como na Euro Copa em 1996, na Inglaterra e na Copa do Mundo de 1998, na França.

Para Hollanda (2021), os grupos de jovens torcedores começaram a se organizar nos setores chamados de *ends* ou *terraces*. Eram setores populares que se localizavam atrás das goleiras, nos quadriláteros dos estádios britânicos. Esses espaços eram destinados para torcedores considerados fanáticos ou chamados de fervorosos. Ainda, antes da década de 1960, eram chamados de *supporters* ou *fans*, durante o crescimento de brigas começaram a serem intitulados de forma pejorativa como *hooligans* ou *casuals*. Nos espaços intitulados de *kops*, *ends* ou

terraces se iniciou a criação das *firms* ou *crews*, sendo a forma que esses grupos se autodenominavam.

Junto desses grupos em formação, as subculturas urbanas que já existiam como os *mods*, os *rockers*, *teddy boys* e os *skinheads*, transferiram suas rivalidades para o futebol durante os anos de 1970 e 1980 (HOLLANDA, 2021). Essas rivalidades de grupos urbanos já eram gestadas ainda na década de 1960, podemos entender que:

Está associada a movimentos juvenis dos anos 60, como os teddy-boys e seus “rivais”, os rockers (que usavam blusões de couro) e os mods (de classe média, andavam bem vestidos e transitavam de lambretas). Eventualmente esses grupos se enfrentavam nas ruas. Com o tempo, a rivalidade entre eles passou a manifestar-se também nas arquibancadas dos jogos de futebol (PIMENTA, 2004, p. 252).

As *firms* ou *crews* eram grupos não formais de jovens *hooligans*, que gostavam de beber, quebrar regras sociais, brigar e assistir jogos sábados à tarde. Assim, entendemos que esses grupos não podem ser definidos somente por uma soma de indivíduos, mas entendendo que cada indivíduo tem uma subjetividade própria, não sendo um agrupamento de pessoas ou coisas aleatórias (FARR, 2012). Assim, um grupo é um conjunto de pessoas interdependentes, sendo um organismo heterogêneo, que podem ter ações previsíveis, sendo visto a partir das relações intergrupais, orientadas por objetivos individuais ou coletivos (FARR, 2012).

Nesse contexto, partidos políticos com tendências de direita e extrema direita se aproximam das *firms*, vendo sua vulnerabilidade ideológica começaram a recrutar jovens, utilizando os estádios como instrumentos de propagação ideológicas, como a *National Front*² (HOLLANDA, 2021). Podemos apontar uma das características desses grupos de jovens torcedores é o racismo e a xenofobia, sendo influenciado pelos partidos extremistas (TOLEDO, 1996).

Ainda, nos grupos *hooligans*, existem frações que são das classes médias e altas, muitos integrantes fazem parte de partidos políticos nacionalistas, principalmente a partir dos anos de 1980, quando filhos dos imigrantes de ex colônias britânicas começaram a jogar futebol nos clubes ingleses. Além disso, o discurso do desemprego culpabilizando os imigrantes foi ouvido por grupos

² Partida de extrema direita com base em teóricos nazifascistas. Ver mais em: Racism, fascism and the politics of the National Front. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030639687701900201>

hooligans, tornando os grupos porta voz de discursos e atos racistas.

Esses grupos são caracterizados por uma cultura juvenil, cativados por um conflito físico, dispostos a se identificar com grupos organizados, no qual procuram rivais para encontros violentos (PIMENTA, 2004). Os grupos *hooligans* diferem da forma de torcer dos grupos da América do Sul e grande parte da Europa Continental, pois buscam o anonimato, o estilo *casual*, a falta de uma estrutura formal e se restringem a pequenos *pubs*. Temos que pontuar que não é homogênea essa característica, por exemplo, grupos de extrema direita são muito comuns em Londres. Já grupos do norte da Inglaterra não são todos que compõe grupos extremistas, inclusive pela relação dos sindicatos dos trabalhadores com a formação dos clubes³. Um exemplo bem específico de um grupo de *hooligans* é a *firm* dos *Zulus Warriors*, formado por negros e brancos do time do Birmingham.

As principais mudanças não somente do futebol inglês, mas internacional foram a partir de duas tragédias que marcaram o futebol e marcariam mudanças em todo futebol europeu. A primeira tragédia na final da Copa dos Campeões da UEFA, partida realizada entre Liverpool e Juventus, em maio de 1985, no estádio de Heysel na Bélgica, onde morreram trinta e nove torcedores, após a queda de um muro. Os torcedores ingleses foram responsabilizados e os clubes da Inglaterra banidos por cinco anos das competições europeias. A outra tragédia, ocorreu no estádio de *Hillsborough*, em 15 abril de 1989, no estádio do Sheffield United, quando morreram noventa e seis pessoas, por conta da superlotação no jogo da semi final da Copa da Inglaterra, entre Liverpool e Nottingham Forest.

Na tragédia de *Hillsborough*, os torcedores do Liverpool foram culpabilizados, pelo governo neoliberal de *Margareth Thatcher* (exerceu o cargo de primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990). A tragédia que teve como responsáveis a negligência do governo, pois preocupavam-se somente com os *hooligans*, o que ocasionou uma desorganização do evento. A polícia local alterou cento e dezesseis relatórios dos cento e sessenta e quatro⁴. O governo de *Thatcher*

³ No episódio número 12 intitulado de Hooliganismo, Hillborough e seus impactos na sociedade e no futebol” do “Copa além da copa” debatem sobre a relação dos grupos hooligans com partidos e sindicatos. <https://open.spotify.com/episode/34DYHxoKgxBxaMHoQuTRD2>

⁴ Ver mais em: <http://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2012/09/relatorio-coloca-culpa-de-desastre-de-hillsborough-em-autoridades-locais.html>. Acesso em: 02 de set. 2022.

agiu junto da polícia e dos jornais sensacionalistas ingleses, como o *The Sun*. Ainda, a ministra tentou culpabilizar as vítimas, pedindo seus antecedentes criminais, afirmando que se tratavam de *hooligans* e alcoólatras.

Após esse jogo foi realizado o relatório Taylor, no qual os estádios passaram por reformas estruturais (HOLLANDA, 2021). A partir do relatório, foi constituído um novo tipo de público e um remodelamento na arquitetura dos estádios, transformando-os em arenas. O relatório- *Taylor Report*- propunha que todos os estádios tivessem espaço apenas para manter os torcedores sentados, como forma de controle dos mesmos. Assim, no relatório, as propostas foram a retirada de alambrados, monitoramento de vídeo (interno e externo), xingamentos racistas e obscenos foram tidos como proibidos, além de brigas e invasão de campo seriam considerados crimes. Outras formas de punição após o Relatório foram as prisões em massa, as *banning orders* e dos *travel restrictions*, afastamento dos estádios ou impedimentos de entrar no mesmo (ALVITO, 2014).

Após as medidas punitivas, não foram o fim da “era *hooligan*”, pelo contrário. Com a *Premier League* (primeira divisão do nacional) sendo extremamente vigiada, foi deslocado as brigas para as divisões inferiores, pois essas divisões e estádios existem menos mecanismos de vigilância e ingressos mais baratos (HOLLANDA, 2021).

Para Duning (2014), é difícil compreender que o fenômeno do *hooliganismo* europeu sejam as mesmas raízes sociais. Temos que entender que esse fenômeno é transnacional, acontecendo em diferentes países, diferentes línguas, costumes e religiosidade. Na Inglaterra, os confrontos são influenciados pelas desigualdades regionais e de classe social; na Irlanda do Norte e Escócia a questão do sectarismo religioso influencia os confrontos. Já na Espanha, os nacionalismos potencializam as brigas entre catalães, castelhanos, bascos e galegos; na Itália existe forte rivalidade entre a parte norte e sul do país, principalmente com a formação da "Liga do Norte"; na Alemanha a rivalidade acontecem entre leste e oeste, assim como entre partidos políticos de esquerda e direita.

Forma de torcer na Europa Continental: Os Ultras

As primeiras torcidas na Europa Continental surgiram por volta de 1920, principalmente em países como Bélgica e norte da França (WAHL, 2002; HOLLANDA, 2009). Práticas torcedoras tem diferentes nomes pela Europa,

podendo ser chamado de *ultras* ou *tifosi* na Itália; *ultras* na Espanha, *kutten-fans* na Alemanha; *siders* na Bélgica, além das conhecidas torcidas do leste europeu, que faziam parte do bloco soviético, temos grupos *ultras* na Grécia e Turquia (HOLLANDA, 2009).

Em Portugal, a forma organizada de torcer é conhecida como *cliques*, sendo um conjunto de torcedores que apoiam uma equipe, tendo nome próprio, se concentrando em uma parte específica do estádio no qual incentiva seus jogadores através de músicas, palmas, instrumentos e pirotecnia (PEREIRA, 2002). Para Marques et al 1988, são associações que torcem de forma voluntária, podendo ou não, ter um reconhecimento da instituição, utilizando símbolos e signos própria para criar uma identidade de grupo para se reconhecer como uma *clique*.

A forma organizada de torcer em Portugal aconteceu de forma tardia, pois esses grupos iniciaram apenas após a revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs fim de mais de quarenta anos de ditadura. Após essa data, jovens começaram a olhar juntos de seus amigos as partidas de futebol, esses laços foram estabelecidos nas escolas que frequentavam (SEABRA, 2012). Esses grupos juvenis foram influenciados por amigos que regressaram do Brasil após a ditadura, no qual admiravam o estilo de torcer brasileiro. Mais tarde, esses jovens foram influenciados pelo movimento *ultra*, muito forte na Itália e grande parte do centro da Europa. Na França, a primeira associação que se tem notícia foi em 1926, quando o futebol francês ainda era amador (HOLLANDA, 2021).

Na Itália, no final dos anos 1960, surgiu uma outra forma organizada de torcer diferente dos *hooligans*, com o aparecimento dos chamados "*ultras*" (TESTA; ARMSTRONG, 2010). Este movimento se espalhou pela Europa, adquirindo características específicas. Os *ultras* costumam ficar nas "curvas" dos estádios (setores atrás das metas). Usam materiais dos clubes, bandeiras e faixas, além de pirotecnia, como tochas e sinalizadores. São conhecidos por levantar o lema "contra o futebol moderno", defendendo sua forma de torcer, contra a mercantilização do futebol, principalmente os altos preços de ingressos (LOPES; HOLLANDA, 2018). Se espalham por toda a Europa, desde Portugal até o extremo leste europeu (SPAALJ, 2006).

As torcidas *ultras* tem forte influência com os partidos políticos de seus países. A própria palavra *ultra*, remete a posicionamento radical de ideias. Na

Itália, após as manifestações de maio de 1968, grupos de jovens de direita e esquerda começaram a reproduzir os comportamentos políticos que tinham em passeatas, nas arquibancadas, simpatizando com clubes que politicamente tinha sua ideologia. Os *ultras* que possuíam um posicionamento de esquerda ou esquerda radical simpatizavam pelo Livorno, Bolonha, Milan e Vicenza; já os *ultras* com posicionamento a direita ou nazi fascista apoiavam a Lazio, Verona e Inter de Milão (PODALIRI; BALESTRI, 1998).

Os torcedores *ultras* começaram a elaborar coreografias, exaltar as cores do time e entoavam cântico. Tinham como objetivo o apoio incondicional ao clube, independente das condições meteorológicas ou se jogassem longe de casa, como visitante, ser *ultra* era um estilo de vida a ser seguido (LAGO e BIASI, 1994; SEABRA, 1999).

O estilo brasileiro de torcer: As Torcidas Organizadas

No Brasil, as formas de torcer tem características próprias. O fenômeno do torcer ganhou nomenclatura a partir da primeira década do século XX, em 1910. No início das primeiras décadas do século XX, principalmente nos centros urbanos em formação como em São Paulo e Rio de Janeiro. Nessas cidades, inicia-se os primeiros agrupamentos de torcedores na década da profissionalização do futebol no Brasil, em 1933.

Antes das primeiras organizações torcedoras, os frequentadores se reuniam em pequenos grupos, formados por familiares e amigos. A partir da criação das “Torcidas Uniformizadas” ou também conhecidas como “Torcidas Charangas”, o torcer ganha particularidades, atrai mais participantes e começa a ser parte do espetáculo futebolístico, assumindo representações identitárias de grupo e estéticas pouco comuns para os estádios da época (PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000).

No final da década de trinta, início da década de 1940, surgem as primeiras torcidas uniformizadas, como a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), em 1939. A outra principal agremiação que surgiu foi a Charanga Rubro- Negra, do Flamengo, em 1942 (SOUZA, 2020). Ainda, essa nova prática de torcer, substituiu a sociabilidade exclusiva de familiares e amigos durante os jogos.

A primeira geração do torcer cria uma identidade de grupo (por meio de materiais como bonés e camisetas), desenvolveram performances como cantar e

pular, além de inserir instrumentos de percussão durante os jogos, como a “charanga”, inspirada em blocos carnavalescos (SOUZA, 2020). A festa dessas torcidas uniformizadas inspiradas no carnaval se espalhou por diferentes estádios do eixo Rio- São Paulo, mas também pelo Rio Grande do Sul, sendo exemplo para a imprensa, dirigentes de clubes e torcedores comuns.

Provavelmente um dos impulsionamentos das torcidas uniformizadas no Rio de Janeiro foi *Duelo de Torcidas*, relançado pelo jornalista Mário Filho para o jogo entre Flamengo x Fluminense na final de 1951 (HOLLANDA, 2012). Esse *Duelo de Torcidas* foi um concurso criado em 1930, pelo periódico *Jornal dos Sports* no qual a imprensa esportiva intitulava qual foi a torcida que mais vibrou e que fez mais festa na arquibancada.

Esse *Duelo* também ficou conhecido como “batalha de confetes”, sendo que a ideia era transmitir alegria aos jogadores e fazer festividade parecidas com o carnaval do Rio de Janeiro. Para esse jogo, o jornal de Mário Filho, o *Jornal dos Sports*, fez a cobertura no decorrer da semana, levando ao público o andamento da preparação das torcidas para o jogo (HOLLANDA, 2012).

Em São Paulo, no decênio de 1940, a Rádio Gazeta e Gazeta Esportiva, ajudaram a impulsionar o crescimento das torcidas uniformizadas. Esses veículos de comunicação realizaram um concurso para saber qual era a melhor torcida da cidade. Os pontos que eram avaliados tinham como a organização, entusiasmo, disciplina, número de componentes, o coro (música), como seus principais critérios. Os clubes vencedores ganharam prêmios do jornal e da revista, já os chefes de torcida receberam medalhas (MALAIA, 2012).

A primeira geração das torcidas organizadas, tinha como característica uma disciplina e a ordem familiar, no qual podemos apontar que esse período durou entre final da década de 1930, até o começo do decênio de 1970. O ciclo das “Torcidas Uniformizadas” foi entre 1940-1970, período que foi marcado pelo apoio incondicional ao Clube, sem críticas ou divergências políticas, era uma “Tríplice Trindade” - um Clube, uma Torcida, um Chefe” (HOLLANDA, 2012). Do mesmo modo, os “chefes de torcida” ou “embaixadores” que ditavam o ritmo da torcida, sempre em contato com a moralidade e apoiando o trabalho policial. Ademais, alguns “chefes de torcida” tinham vínculo com os dirigentes e policiais.

A segunda geração do torcer: As Torcidas Jovens

A partir do final decênio de 1960, as Torcidas Uniformizadas começaram a conviver com outras torcidas do mesmo clube, não sendo mais torcidas únicas, não somente no Flamengo, mas em diversos times do Rio de Janeiro. Nas associações torcedoras começaram a criar grupos dissidentes, principalmente criticando a hierarquia dos líderes das torcidas uniformizadas.

Podemos apontar que o adoecimento dos líderes deixou um vácuo no poder, sendo necessário a substituição (HOLLANDA, 2012). Além disso, a imposição dos chefes das Charangas que não permitiam criticar o time, técnico ou seus dirigentes quando o time estava em crise, fez com que alguns jovens que faziam parte da torcida procurassem novas dinâmicas para torcer. Com crises de saúde dos antigos líderes e problemas geracionais, as relações de poder foram se intensificando, pois liderar grandes grupos e ter seu nome falado em diversos veículos de imprensa gera poder e status, isso também contribuiu para a disputa entre os mesmos.

No período que se inicia os grupos dissidentes das Torcidas Uniformizadas, foi o hiato de maior repressão da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Em 1968, foi instituído a promulgação do Ato Institucional 5 (AI-5), aumentando mais ainda a censura, e a repressão, sobretudo, nos jovens.

Devido o cerceamento dos direitos civis, os jovens buscavam formas de inserção nas organizações populares, as torcidas foram uma saída (TOLEDO, 1996). O crescimento dos grandes centros urbanos refletiu na participação dos componentes das organizadas, aumentando a perspectiva da participação política dentro das torcidas ou associações participativas (SILVA, 1996). Um fator que temos que abordar é que as torcidas refletem diferentes padrões da sociedade, reproduzindo até mesmo a gestão do regime ditatorial internamente dentro de suas agremiações:

Sob tal ponto de vista, as torcidas organizadas não constituem fenômeno à parte da realidade social, uma “excrecência” ou uma manifestação isolada. Elas constituem, sim, uma reformulação ou uma expressão de determinados padrões comportamentais presentes na sociabilidade da vida cotidiana (GUILHON, 2017, p. 83).

A juventude nesse momento, assume diversos protagonismos, seja nas ruas, na luta armada, no teatro, na clandestinidade ou nos espaços que reprimiam

a liberdade dos mais jovens, como nos estádios. As Torcidas Dissidentes ou as Torcidas Jovens como ficaram conhecidas, foi um fenômeno que surgiu a partir de 1967, tendo um relativo aumento durante a década de 1970 (TOLEDO, 1996). Tanto na sociedade brasileira como nos espaços micros, como os estádios, a contestação era proibida, o que imperava era o conservadorismo, a submissão ao regime ditatorial e a hierarquia dos chefes de torcidas.

As Torcidas Jovens levaram elementos como a disposição da juventude, criatividade, contestação social e inovação marcaram essa nova forma de torcer (TOLEDO, 1996). A influência do poder da juventude nas formas de torcer se expressa até no nome das torcidas. As primeiras torcidas a serem criadas no Rio de Janeiro foram a do Flamengo e do Botafogo, no qual levaram a denominação de Poder Jovem, expressando todo a mística e poder da juventude do final da década de 1960 (HOLLANDA, 2012).

O aumento do público no estádio do Maracanã pode ter sido um fator contribuinte para o aumento das novas torcidas organizadas, pois potencializou desavenças que existiam no interior das torcidas (HOLLANDA, 2012). Além disso, o futebol mundial estava passando por mudanças, como o segundo momento do profissionalismo, a nacionalização do Campeonato Brasileiro, o tricampeonato no México em 1970, e a ascensão das transmissões televisivas (TOLEDO, 1996).

Essas torcidas jovens não tinham o mesmo objetivo das antigas torcidas uniformizadas, como o único objetivo de apoiar o time ou a lealdade dos chefes de torcida com os dirigentes e clube. Essas torcidas nascem com a contestação social, o protesto se torna marca registrada, sendo usado em tempos de crises ou resultados negativos dentro do campo. A forma de torcer desse novo momento era facilitado, pois essas novas torcidas não tinham vínculos afetivos com os dirigentes dos clubes (HOLLANDA, 2012).

Esse período das torcidas jovens denominamos de “juvenilização” das torcidas organizadas (HOLLANDA, 2012). As torcidas passam de “carnavalizadas” para “militarizadas”, devido a influência do contexto da ditadura (MURAD, 1996). As torcidas jovens, começaram a ser chamadas de torcidas organizadas, por conta da forma de organização que foram articuladas, não sendo apenas torcidas uniformizadas, com laços afetivos apenas em dias de jogos ou pautadas em relação afetivas com dirigentes.

Temos que compreender que a passagem entre da “carnavalização” para a “juvenilização”, foi marcado por um novo modelo gestão interna das torcidas. Não podemos afirmar que aconteceu uma ruptura ou mudanças radicais nas características estéticas ou de performances das agora torcidas organizadas (SOUZA, 2020). Por exemplo, a uniformização (camisetas) e as práticas performáticas continuam a fazer parte, em dias de jogos, dos grupos agora burocratizados quem compõe o que podemos chamar de “segunda geração” (SOUZA, 2020).

As torcidas organizadas acompanham os times de forma mais intensa no cenário nacional, por conta das mudanças do campeonato brasileiro. Os torcedores organizados criam novas dinâmicas do torcer alterando estruturalmente e no campo simbólico. Até o período das torcidas uniformizadas ainda se configurava um “âmbito amador” no futebol.

A maioria dessas torcidas que fizeram parte da “juvenilização” preferem ser chamadas de torcidas organizadas, pois existe uma organização formal, muito além de uma uniformização (uso das mesmas camisas), dos seus componentes (NASCIMENTO; GOLDFARB, 2011). Ainda, as torcidas organizadas diferem das torcidas uniformizadas por terem diferentes níveis hierárquicos, não mais os “chefes de torcida”, agora são presidentes, diretores, secretários, etc, sendo na maioria dos casos uma associação civil.

Outra característica das diferentes organizações torcedoras entre uniformizadas e organizadas é a relação com o time de futebol, não só com o clube. Nas torcidas organizadas, os componentes são sócios da torcida, pagando mensalidades, as diretorias são eleitas de forma democrática, grande parte é sócio da torcida e não do clube, frequentam a sede da torcida e tem um consumo de produtos e artigos da instituição (SILVA,1996).

A partir dos dados da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG), é possível verificar o aumento das torcidas organizadas nos decênios de 1970 e 1980. As torcidas conhecidas como “segunda geração” (1969-1989), foram registrados entre oitenta e nove grupos organizados, distribuídos em todas as regiões, sendo presente em dezessete estados. (SOUZA, 2020).

Também, de acordo com a ANATORG, na década de 1980 foram criados grupos organizados em quase todo o Brasil, na região sudeste apenas o Espírito Santo e na região nordeste, apenas o Piauí não contavam com grupos cadastrados

de torcedores. Na região Norte apenas o Pará e na região Centro-Oeste apenas Goiás e Distrito Federal contavam com grupos cadastrados. Talvez, um dos fatores foi a tardia urbanização dessas regiões, sendo reflexo a expansão urbana das regiões brasileiras (SOUZA, 2020).

No decorrer da década de 1980, as torcidas organizadas, agora já consolidadas as características de militarizadas, burocráticas e hierarquizadas, começaram a construir o imaginário coletivo do senso comum a partir da violência (HOLLANDA, 2012). Aquela rebeldia da dissidência do final de 1960, seria substituída pela violência. A partir do final da década de 1980, início do decênio de 1990, inicia-se uma mudança nas TO's, ficou conhecido como a “espetacularização do torcer”.

A mudança ocorreu das relações pessoais aos ritmos musicais levado para a arquibancada, assim, o “[...] abandono dos compassos dos sambas-enredos, hegemônicos desde fins dos anos 1960, e afinavam seu repertório com o gênero preferido dos jovens das favelas e das emergentes camadas juvenis (HOLLANDA, 2012, p. 120). Ritmos musicais dos jovens de periferias dos grandes centros urbanos começaram a aparecer nas arquibancadas, no Rio de Janeiro a grande expressão é o *funk*, sendo demonstrado também pelas torcidas de São Paulo e espalhando-se pelo Brasil.

As mudanças do futebol brasileiro também tiveram reflexos nas torcidas, a partir desse decênio até os anos 2000, podemos apontar que foi a “terceira geração” das torcidas organizadas (SOUZA, 2020). As torcidas começaram a ter projeção nacional, aconteceram mudanças estéticas e de performances. Nesse sentido, a grande mudança foi que se tornaram Pessoa Jurídica de Direito Privado, assemelhando-se as empresas, e suas estruturas físicas passaram a ser sedes sociais (SOUZA, 2020). Inclusive, podemos apontar a mudança na sociabilidade desses torcedores, desde o aumento da violência ou mudança nos cânticos:

Do ponto de vista do gosto e da sociabilidade juvenil, lócus da arregimentação em larga escala de torcedores, a década de 1990 testemunhará uma nova subjetividade jovem, expressa numa corporalidade multiplicada em variadas formas e manejos de ser, a produzir vasos comunicantes entre comportamentos, estilos, ideias, condutas e juízos estéticos. Será cada vez mais comum, por exemplo, observar a linguagem do rap, ou do funk para o contexto carioca, nos estádios de futebol onde há décadas predominavam os cânticos e gritos de guerra mais tradicionais

palavras de ordem, sambas e marchinhas que inspiravam as coreografias (TOLEDO, 2012 p. 127-128)

Nessa perspectiva do futebol espetáculo, as performances das torcidas deixaram de ter o time e os demais torcedores como alvo, foram direcionadas às câmeras televisivas e torcedores rivais, como demonstração de força e poder (SOUZA, 2020). Podemos apontar que a espetacularização (cânticos ininterruptos, bandeirões e pirotecnia) transformaram as torcidas como protagonistas e, ao mesmo tempo, como vilões desse futebol de espetáculo (SOUZA, 2020).

A década de 1990, no Brasil, também refletiu nas arquibancadas, mas de modo negativo. Nessa década foi marcada pela violência e pelo desemprego. Em 1992, aconteceu o *impeachment* de Collor, esse período foi marcado pela ascensão de grupos neonazistas (chamados na mídia de *skinheads*) que agrediam negros, homossexuais e nordestinos em São Paulo; chacinas nas periferias pela ROTA⁵ (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar); Massacre do Carandiru em 1992; Chacina da Candelária, em 1993, assassinato de oito crianças em situação de rua pelas mãos de militares, no Rio de Janeiro; e no mesmo ano e cidade, em Vigário Geral, um grupo de extermínio executou vinte e uma pessoas, ficando conhecido como Massacre de Vigário Geral (TOLEDO, 2012).

A violência acompanhava a sociedade brasileira, logo, os estádios refletiam a sociedade. Em fevereiro de 1992, Rodrigo Gáspari de 13 anos⁶ foi assassinado dentro do estádio do Nacional Atlético Clube, durante a partida entre Corinthians e São Paulo pela Copa São Paulo de Futebol Júnior. O jovem Gáspari foi alvo de uma bomba de fabricação caseira, mesmo não sendo membro de torcida organizada. O caso foi o primeiro dentre muitos durante a década. A partir dessa morte, o estado de São Paulo proibiu a entrada de bandeiras com mastro nos estádios.

O principal evento que marcou os estádios da primeira década de 1990, foi a Batalha do Pacaembu. No dia 20 de agosto de 1995, ocorreu uma batalha campal entre torcedores da Mancha Verde do Palmeiras e da Independente do São Paulo,

⁵ Ver o livro de Caco Barcellos Rota 66- A História da Polícia que Mata

⁶ Reportagem da uol sobre os 20 anos da morte do jovem que não foi encontrado o culpado. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/03/28/morte-de-corintiano-ha-20-anos-segure-sem-culpado-e-com-familia-esperando-indenizacao.htm>. Acesso em: 08 de set. de 2022.

tal ato deixou 102 pessoas feridas, levando a óbito Márcio Gasparin (TOLEDO, 1996). Ainda para o autor:

A tragédia do Pacaembu em 1995 tornou-se ápice, mas também o turning point desse processo, cabendo a promotoria pública de São Paulo instaurar uma cruzada contra as TO's, no limite os únicos atores responsabilizados diretamente pelas ondas de violência. A proibição às aglomerações identificadas nos estádios (faixas, bandeiras, camisas próprias) se impôs como medida necessária ainda nesse ano e que se manteve por muitos outros, afrouxada no início do século XXI. A extinção de algumas torcidas em 1996 e 1998, embora sem efeito repressivos esperados pelas autoridades, foi outra medida polemica e de impacto (TOLEDO, 2012, p. 148).

Antes disso, em 1988, Cléo, fundador e líder da Mancha Verde do Palmeiras é assassinado em dia de semana. O crime não é apurado e não se sabe quem foi o verdadeiro assassino de Cléo (HOLLANDA, 2012). As torcidas organizadas são retiradas das páginas esportivas e ingressam para as páginas policiais. A mídia esportiva inicia a espetacularização da violência, trazendo os grupos organizados como principais “vilões”.

A partir da segunda metade da década de 1990, as torcidas precisavam reinventar-se por conta da repercussão da violência na mídia. Um elemento importante foi a intensificação do contato dos times brasileiros com as equipes sul-americanas, principalmente entre torcedores organizados e *barras bravas*⁷. Esse contato foi importante para assimilação estética, vibração e novas coreografias (SOUZA, 2020). Esse contato marcaria mudanças na forma de torcer, principalmente no estado do Rio Grande do Sul.

Com esses torneios Sul- americanos as amizades⁸ entre as torcidas dos times brasileiros e argentinos/uruguaios se intensificou no final da década de 1990, início dos anos 2000. Podemos citar amizade do Grêmio com o Nacional do Uruguai; Internacional com o *Independiente* da Argentina; São Paulo com o *Chacaritas Juniors* Argentina; Fluminense com *Velez Sarsfield* Argentina; Cruzeiro com *San Lorenzo* Argentina; Vasco da Gama com a *Universidad* do Chile, entre outras amizades com times que não tem tradição em jogar torneios continentais. As amizades não seguem um padrão ideológico ou cromático, muitas vezes as amizades de torcida se deram pela “Síndrome do Beduíno”, - o

⁷ Nas próximas páginas iremos falar melhor sobre essa diferente forma de torcer.

⁸<https://trivela.com.br/america-do-sul/libertadores/que-viva-la-amistad-as-aliancas-fraternais-entre-clubes-da-america-do-sul/>

amigo do meu amigo é meu amigo e o inimigo do meu amigo é meu inimigo (SOUZA, 2020).

Alento, Aguante e Murga: O estilo Barra

Na América Latina de língua espanhola, grupo de torcedores organizados surgiram a partir do decênio de 1920⁹, sendo conhecidos como *barras*. Não iremos falar de todos os países, mas concentrando-nos nas torcidas do espaço platino, principalmente na Argentina. A nossa ideia é deter-nos a entender a forma de torcer do que entendemos compor o espaço platino, pois influenciou a nova forma de torcer por parte das torcidas no Rio Grande do Sul a partir da primeira década dos anos 2000.

No início, o grupo de torcedores que se organizavam para torcer foram chamadas de *barra fuerte*¹⁰ e estavam organizados dentro das *hinchadas*, no qual são grupos de torcedores que criam leis, tradições e signos próprios, relacionadas a forma de torcer (ALABARCES, GARRIGA ZUCAL & MOREIRA, 2008). Essas *barras*, posteriormente foram chamadas de “*barras bravas*”, porém, esse termo é considerado como pejorativo, não sendo reconhecido pelos seus protagonistas (ARAGÓN, 2017; CABRERA, 2020). Quando falarmos dessa forma de torcer nos remeteremos somente pela denominação de *barras*.

O estilo *barra* teve início a partir da década de 1950, tendo um dos principais marcos iniciais a partir da queda do presidente Juan Domingo Perón. A partir dos fatores sociopolíticos, industrialização do país e a derrota na Copa do Mundo na Suécia, em 1958, grupos de torcedores começaram a ficar famosos pela mídia do país pela festa que faziam nas arquibancadas e por atos de violência (ROMERO, 1997).

Um momento que marcou a “entrada” das *barras* no futebol e na sociedade argentina, foi o assassinato do torcedor do *Boca Juniors*, *Alberto Mario Linker*, no bairro de *Liniers*, em Buenos Aires. No domingo dia 19 de

⁹ Na plataforma do *Spotify* existe o podcast chamado Futebol Albiceleste, no qual tem o objetivo de falar sobre o futebol argentino, *barras* e cultura de arquibancada. No episódio número 5 intitulado de *Barra bravas: futebol, política e extorsão* eles historicizam essa forma de torcer. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/58WjRMMrAB3BACS5oZ5TUn>.

¹⁰ Termo usado pelo jornal argentino *La Razón*, em outubro de 1958, para explicar sobre torcedores já conhecidos no futebol daquela nação, temidos pelos dirigentes dos clubes locais por sua violência. Fonte: *LOS ORÍGENES de un mal sin remedio*. In: Clarín digital. Buenos Aires: 15 mai. 2000. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota2/r02401d.htm>>. Acesso em: 06 de outubro 2021.

outubro de 1958¹¹, *Linker*, foi convidado pelo seu vizinho para ir ao jogo entre Velez Sarsfield *versus* River Plate, válido pelo campeonato nacional. Quase no final do jogo aconteceu uma confusão, sendo que a polícia tentou “acalmar” os torcedores atirando bombas de gás lacrimogênio. Uma dessas bombas acertou *Linker*, morrendo horas depois. Na versão policial e do periódico, a tragédia tinha como culpado os torcedores, sendo atribuído a um pequeno grupo de exaltados, os *barras*.

A tragédia ocorrida foi o marco do início das *barras* nos estádios argentinos, sendo que a partir do início dos anos de 1960, iniciou a forma organizativa que possuem as *barras* atuais, como não ter eleições ou processos democráticos de escolha de lideranças (ROMERO, 1997). As *barras* na Argentina possuem características formais e informais muito próprias. Essas torcidas envolvem-se com a compra e venda de jogadores, revenda de ingressos, seguranças particulares de políticos, narcotráfico ou grupos de choque de partidos políticos e sindicatos (ROMERO, 2003).

Logo no início, essas torcidas recebiam ajuda dos dirigentes dos clubes, muitas vezes para ir ao estádio do rival recebiam ingressos e alimentação. Após adentrar os clubes, começaram a utilizar os espaços físicos para guardar material ou até mesmo discutir sobre compra e venda de jogadores (YOGUI, 2008). É difícil falarmos de futebol argentino sem falar das *barras*.

Geralmente, num jogo de um time argentino contra equipes brasileiras, a mídia esportiva brasileira faz reportagem sobre as “*hinchadas*” ou filmam por alguns segundos a festa dessas torcidas. Algumas vezes, falam o nome da *barra* ou até mesmo a história da torcida¹². O termo *hinchada* tem origem *platense*, mais precisamente o termo é uruguaio, segundo o que nos aponta o pesquisador Marcos Américo:

Foi na torcida do Nacional do Uruguai que surgiu o termo “*hinchada*”, um nome comum para referir-se às *barras*. Antes mesmo das *barras* oficialmente existirem, um senhor comparecia a todos os jogos e não parava de incentivar o time tricolor. Pelo seu costume de inflar (no dialeto *platense*, “*hinchar*”) bolas de encher todos os jogos, ele ficou conhecido como o “*hincha*” - um

¹¹A revista *Líbero* é conhecida na Argentina debater sobre futebol, questões sociais e literatura esportiva. Nessa reportagem traz a reportagem e fotos desse fatídico jogo. Disponível em: https://revistalibero.com/blogs/contenidos/el-crimen-que-dio-nacimiento-a-las-barras-bravas-argentinas?_x_tr_sl=es&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=nuisc

¹²No jogo válido pelo segundo jogo das oitavas de final Sulamericana em 2021, entre Santos x Independiente o comentarista Fábio Pipierno comentou sobre a barra Los Diablos Rojos, liderado pelo Pablo Bebote Alvarez, no qual falou sobre o histórico da fama de Bebote dentro do futebol argentino.

termo que se espalharia por todo mundo do futebol, especialmente o hispanofono, para designar o torcedor (e “hinchada, torcida). (2012, p.198).

Temos que pontuar que o termo *hinchada* e *barra* são distintos. O termo *hinchada* significa a totalidade dos torcedores de forma geral, sendo torcedores organizados ou não (CABRERA, 2020). Já *barra*, nos remete a forma organizada de torcer, com dinâmicas e signos próprios.

Pode- se constatar que as *barras* argentinas exercem grande influência sobre as formas de torcer nos países da região, não somente no espaço platino, mas em todo continente. Principalmente “[...] através de cânticos com um ritmo bem particular, de estilos de apoio coreográfico e de uma peculiar cultura material das arquibancadas-bandeiras, trapos, bumbos, faixas, micro guarda-chuvas, entre outros adereços (HOLLANDA, 2017, p. 14).

As *barras* tem como característica gerais, como se reconhecer como torcedores fanáticos, assistem regularmente os jogos de sua equipe (como locais ou visitantes), são protagonistas na festa das arquibancadas e colaboram com os clubes em relação a organização dos jogos (ALABARCES, ZUCAL, MOREIRA, 2008). Além disso, são conhecidos pela sua estética, no qual levam faixas de apoio e/ou com nomes de bairro, conhecidos como *trapos* (ARAGON, 2007).

Ainda, usam faixas verticais esticadas do topo da arquibancada até o final delas, as *barras*. Utilizam instrumentos de percussão como os bumbos, instrumentos de sopro e *a murga* ou *bombo platillo*, instrumento de percussão que tem um prato acoplado. Além disso, são conhecidas pelo *aguante*, expressão que possui uma carga de diferentes definições, podendo ser relacionado ao corpo ou a própria subjetividade masculina e agressiva (ARCHETTI, 2003; ALABARCES, 2008). Esse termo, “*tener aguante*”, é colocar o corpo em qualquer situação que o time precise como:

Alentando incesantemente al equipo, yendo a la cancha de local y visitante, soportando las incomodidades de los estadios y los viajes, resistiendo la lluvia, el calor, el frío. Este tipo de aguante es el que reclaman para sí los hinchas militantes. Un aguante que se confirma día a día en los sacrificios que estos hinchas realizan en nombre del club cuando tienen que recorrer extensas distancias geográficas para “alentar al equipo aunque no se juegue nada” y “sea um partido en la Antártida”; cuando alientan al equipo más allá de los resultados porque el hincha con aguante es el que sigue y apoya al equipo sin importar si éste gana, pierde o empata; cuando postergan y abandonan compromissos

personales y soportan en la tribuna las inclemencias del clima. Parece que existe una regla para el hincha militante: “el aguante” es mayor ante la mayor dificultad atravesada por él y el equipo (ALABARCES, ZUCAL, MOREIRA, 2008, p.117).

Para as *barras*, esse termo representa uma identidade construída, ocasionando experiências físicas de forma violenta, é um código simbólico que representa a masculinidade, a virilidade e o poder sobre outras torcidas ou uma relação de poder com seus próprios pares de *barra*. O principal caminho de conquistar esse bem simbólico é pela violência (ALABARCES, 2006).

Temos que entender que dentro das *barras* existem relações de poder e hierarquias, por mais que não existam eleições democráticas para decidir quem será o líder ou o grupo que irá liderar a torcida. Para Alabarces (2006; 2012), existem três categorias de torcedores, a saber: os *barras* (núcleo duro da torcida); os torcedores militantes (tem como prioridade o ato de torcer, podendo algumas vezes envolver-se em situações violentas) e os torcedores comuns, que assistem sentados aos jogos. Essa última classificação é vista pelos *barras* como torcedores que nunca irão “*poner el pecho*”, ou seja, nunca colocarão o peito para defender as cores do time (ALABARCES; GARRICA ZUCAL; MOREIRA, 2008).

Entretanto, o que diferencia um torcedor militante, também conhecidos como *pibes* (CABRERA, 2020), e um torcedor *barra* é a violência. Os torcedores militantes podem participar de algum ato de violência, de forma pontual, mas não fazem parte da violência constante como os membros do núcleo duro da torcida (ALABARCES, ZUCAL, MOREIRA, 2008). O líder de uma *barra* é conhecido como *capo*, sendo que esse termo remete a forma que eram chamados os líderes das famosas máfias do sul da Itália. Os *capos* de *barra* têm como compromisso adquirir e dividir ingressos, cuidar do material, dos instrumentos, articular com polícia e dirigentes, etc (GARRICA ZUCAL, 2007).

As músicas das *barras* argentinas são inspiradas, na sua maioria, no estilo da *cumbia villera*. Esse estilo musical¹³ é influenciado pelo rap, pela música eletrônica e principalmente pelos arranjos de teclado (CRANGNOLINI, 2010). Suas letras trazem a cotidianidade e os problemas sociais das periferias do país. O nome *villera* remete-se as *villas* e os sujeitos que escutam o estilo. Podemos entender que:

¹³ O estilo musical da *Cumbia Villera* é um subgênero da *Cumbia*, surgida na Colômbia se popularizando por toda a América Latina (SILBA, 2011).

La cumbia es también molesta para los sectores conservadores, por su repertorio de excesos: exceso de alcohol, drogas, sexo y crimen celebrados en sus letras, exceso de baile y fiesta como terrenos *populares* inaccesibles y autonomizados. [...] Por su exceso de subalternidad, en suma, una subalternidad que se afirma explícita y orgullosamente (ALABARCES; SILBA, 2014).

Na década de 1990, a Argentina passava por grave crise econômica, logo, as desigualdades sociais foram sentidas de forma sintomática pelos moradores das periferias, os *villeros*. Naquele período, aumentou o desemprego, queda no salário de trabalhadores, aumento de trabalho informal, como consequência desses fatores aumento da criminalidade, de pessoas em situação de rua e moradias precárias (FERREIRA, 2014).

O estilo musical se popularizou na Argentina a partir dos anos 2000, onde a população jovem de periferia se identificou e apropriou o estilo, utilizando como instrumento de denúncia aos abusos policiais, distinções de classes sociais ou simplesmente para falar de seus lazeres. A *cumbia villera* adentrou aos estádios argentinos, sendo um instrumento importante de pertencimento desse grupo.

Considerações finais

As diferentes formas de torcer nos inquietam, pois entendemos que esse fenômeno atravessa o futebol e a subjetividade dos indivíduos, sendo um fenômeno transnacional. Como podemos observar, existem diferentes organizações torcedoras pelo mundo, mas que possuem aspectos similares entre elas, como de serem formadas por homens (na sua maioria), jovens (contemplando uma cultura juvenil), se considerarem pertencente de um grupo social e muitas vezes ligados a violência.

Nesse sentido, falamos sobre a forma de torcer dos *hooligans* no Reino Unido, no qual não possuem uniformes, preferem o anonimato, não fazem grandes festas nos estádios e são conhecidas como *firm* ou *casuals*. Da mesma forma, falamos sobre os Ultras na Europa Continental, que possuem uma forma de torcer “uniformizada”, levam instrumentos, bandeiras, concentram-se atrás das goleiras, realizam pirotecnia e na maioria das vezes estão ligados a partidos políticos, seja de esquerda ou direita.

Já no Brasil, a forma de torcer conhecida por torcida organizada passou por diferentes momentos em sua história. No início da década de 1940, era conhecida como torcida Uniformizada ou torcida Charanga, porém, no final do

decênio de 1960, perdeu espaço para grupos dissidentes, as torcidas jovens. Assim, essas torcidas modificaram a estrutura hierárquica das torcidas brasileiras, sendo conhecidas como torcidas organizadas.

Ainda, as torcidas organizadas brasileiras na década de 1990, modificaram o seu torcer, sendo que seu espetáculo nas arquibancadas não se restringia a apoio do clube, mas também, visavam as câmeras televisivas e as torcidas rivais, mostrando seu poder e sua festa. Além disso, essa década foi muito violenta no país, refletindo-se nas arquibancadas, como a Batalha do Pacaembu.

Já as *barras* argentinas, surgem na segunda metade do século XX e rapidamente se encaixam na política dos clubes e do país. Essas torcidas são mundialmente conhecidas pelas festas nas arquibancadas, por cantarem ininterruptamente, além da violência. Essa forma de torcer carrega o *aguante*, que significa mostrar que tem vontade e força. Além da inspiração no estilo da *cumbia villera*, ritmo muito popular nas periferias do país.

Desta maneira, o objetivo do artigo aponta a importância de entendermos a prática torcedora para compreendermos a sociedade que estamos inseridos, já que as arquibancadas refletem a nossa sociedade. Assim, as formas de torcer possuem suas semelhanças, mas também suas particularidades, o que faz enriquecer o estudo sobre essas práticas.

Portanto, o fenômeno do torcer deve ser analisado em toda sua dimensão, não sendo separado de nossa sociedade, pelo contrário, grande parte de suas ações são reflexos do contexto social que estão inseridos. Assim, a partir dessa visão o torcer ganha mais criticidade, não sendo analisado de forma rasa ou com clichês que ouvimos pela mídia hegemônica acrítica.

Referências Bibliográficas

ALABARCES Pablo. **Hinchada**. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012;

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, Jose; MOREIRA, María Verónica. **El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta**. In: Horizontes Antropo-lógicos. Porto Alegre: PPGAS - UFRGS, v. 14, n. 30, dez. 2008.

ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras**: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

AMÉRICO, Marcos. **A irmandade dos excluídos**: documentário sobre a Garra Blanca, barra do Colo-Colo". In: Marques, José Carlos, Goulart, Jefferson Oliveira (Org.). Futebol, comunicação e cultura. São Paulo: Intercom, 2012.

ARAGON, Silvio. Neoliberalismo, construção de novas subjetividades e violência no contexto do futebol argentino contemporâneo. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; RODRIGUES, Onésimo Aguilar (Org.). **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 65-75.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**. Buenos Aires: Ed. Antropofagia, 2003.

CABRERA, Nicolas. Las derivas del viajar: apuntes para un análisis itinerante de una barra del fútbol argentino. **Revista de Antropología y Sociología**: Virajes, 23(1), 201-221, 2020.

CANCIO, Miguel. **Sociologia da violência no futebol**. Cadernos de Ciencias Sociais Artísticas e da natureza, 1990.

DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick e WILLIAMS, John. **A violência dos espectadores nos desafios de futebol**: para uma explicação sociológica. In: _____. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1995.

DUNNING, Eric. **Towards a sociological understanding of football hooliganism as a world phenomenon**. European Journal on Criminal Policy and Research, v.8, p.141-162, 2000.

ELIAS, Norbet.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

FARR, Robert M. **Raízes da psicologia social moderna**. 10. ed. São Paulo: Vozes, 2012. Livros Horizonte.

FERREIRA, Shagaly Damiana Araújo. **Escritas vileras de nação**: perspectivas discursivas sobre a Argentina negra em Coisa de Negros, de Washington Cucurto. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2014.

GARRICA ZUCA, José. **El aguante**: prácticas violentas y identidad de genero masculino en un grupo de simpatizantes del fútbol argentino. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2001. Tese de Licenciatura de em Antropologia Socia, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2007.

GUILHON, Marcelo. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às organizadas no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; RODRIGUES, Onésimo Aguilar (Org.). **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 76-100.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 85-122.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR RODRIGUES, Onésimo (Org.)

Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 11-64.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Os estudos do futebol na Inglaterra:** um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, v. 14, p. 289-318, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas organizadas no Brasil e na França:** considerações preliminares para uma comparação. Razón y Palabra, v. n.69, p. 1-18, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; e QUEIROZ, Ana Luisa. **Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores:** uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro: UFRJ, v.7, n. 1, p. 1-37, 2014

LAGO, Alessandro; BIASI, Rocco. **Italian football fans: cultura and organization.** In Richard Giulianotti et al., Football, Violence and Social Identity. Londres e Nova York: Routledge, 1994.

LOPES, Felipe ; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Ódio eterno ao futebol moderno?:** poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. TEMPO (NITERÓI. ONLINE), v. 24, p. 206-232, 2018.

MALAIÁ, João M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 51-84.

MARQUES, Margarida., MANUEL, Fátima; e MAIA, Paula. **O envolvimento juvenil nas claque de futebol.** O caso Juve Leo. Lisboa: Ministério da Educação- Direção Geral dos Desportos, 1998.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça:** elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NASCIMENTO, Hércules Vicente.,GOLDFARB, Maria Patricia Lopes. **A Maiorial:** uma etnografia da Torcida Jovem do Futebol Clube da Paraíba. Ponto.Urbe (USP), v. 8, p. 1-8, 2011.

PEREIRA, Luis.Miguel. **Dicionário de futebol.** Manual do adepto. Lisboa: booktree, 2002.

PERSON, Geoffrey. **Hooligan:** a history of respectable fears. Londres: Macmillan, 1983.

PIMENTA, Carlos Aberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol:** violência e Auto-afirmação - aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Hooligans:** barbárie e futebol. In: Faces do fanatismo. São Paulo: Contexto, 2004.

PODALIRI, Carlo. e Balestri, Carlo. **The Ultras, Racism and Football Culture in Italy**. In Adam Brown. fanatic Power, identity and fandom in football. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

ROMERO, Amícar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. In: **Educación Física y Deportes**. Ano 2, nº8. Buenos Aires: dez. 1997.

ROMERO, Amícar. **Lo de los militares fue mundial**. Buenos Aires: I-BUCS, 2003.

SANTOS, João Casquinha Malaia; OLIVEIRA, Elias Costa. Sou gaúcho e sou peleador?: barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas. In: Cesar Augusto BarcellosGuazzelli; Gérson Wasen Fraga; Miguel Enrique Stédile; Rafael Hansen Quinsani. (Org.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do futebol (e outras coisas...)**. 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2021, v. 1, p. 315-338.

SEABRA, Daniel. **Mágico Porto vence por nós: um estudo antropológico de uma claque de futebol**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho Braga,1999.

SEABRA, Daniel. O Movimento Ultras e as Claques Organizadas em Portugal: Seu surgimento e as principais fases da sua evolução. In: TIESLER Nina Clara, DOMINGOS, Nuno (Org.). **Política, Gênero e Movimento, Futebol Português**. Porto. Afrontamento, 2012, p. 249- 274.

SILBA, Malvina. La cumbia em Argentina. Origen social, públicos populares y difusión masiva. In: SEMÁN, Pablo; VILA, Pablo (comps.). **Cumbia: Nación, etnia y género en Latino-América**. Buenos Aires: Gorla, Facultad de Periodismo de La Universidad Nacional de La Plata, 2011. p. 245-297.

SILVA, Elisabeth. Murilho. **As torcidas organizadas de futebol**. Violência e espetáculo nos estádios. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC-SP, 1996.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco. **As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças**. Csonline (ufjf), v. 31, p. 192-2018, 2020.

SPAALIJ, Ramón. **Understanding Football Hooliganism: a comparison of six Western European Football Clubs**. Amsterdã: Vossiuspers Uva- Amsterdam University Press, 2006.

TESTA, Alberto; ARMSTRONG, Gari. **Football fascism and fandom: the ultras of italian football**. Sociology of Sport Journal, 30, 223-226, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de, A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado do torcer. In: COSTA, M.R. da (et alli). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Editora Musa, 2000.

TOLEDO, Luiz H.; "Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950". In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Víctor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 122-158.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

WAHL, Alfred. **La balle au pied** : histories du football. Paris : Gallimard, 2002.

YOGUI, Rakso. **El fútbol de futuro**. Madrid: Libros en Red, 2008.